

ARTIGO

NOS CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL DE PARTIDA DA UFG

Resumo

O texto a seguir apresenta alguns dados de uma pesquisa que investigou, por meio do enunciado de estudantes de graduação retornados de mobilidade estudantil internacional, em que medida programas de intercâmbio internacional refletem nas bases de significação de uma vivência intercultural. A partir das interações que foram estabelecidas nos países de destino, e a partir também do distanciamento das relações familiares, os estudantes apontam a experiência como uma ampliação da visão de mundo, um percurso em direção ao amadurecimento, um processo de constituição da autonomia e de identidades. A mobilidade gera uma nova forma de migração, uma vez que os estudantes intercambistas se inserem nas comunidades receptoras como estrangeiros. Essa migração apresenta-se como um forte instrumento de cooperação entre países e instituições e também como possibilidade de vivências interculturais.

Palavras-chave:

Interculturalidade. Mobilidade estudantil. Migrações e retorno.

Abstract

The following text presents some data from a study that examined through the statement of graduate students returned from international student mobility, to what extent international exchange programs reflect the significance of foundations for intercultural experience. From the interactions that were established in destination countries, and also from the distance of family relationships, students point to experience as an extension of the worldview, a path towards maturity, a process of constitution of autonomy and identities. Mobility creates a new form of migration, since the exchange students are integrated into host communities and foreign. This migration is presented as a strong instrument for cooperation between countries and institutions as well as the possibility of intercultural experiences.

Keywords:

Intercultural. Student mobility. Migration and return.

* Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás. E-mail: professoralucianadias@gmail.com

** Mestrando em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: ydmorais@gmail.com.

Introdução

O processo de mudança socioeconômica, cultural e tecnológica em desenvolvimento nas últimas décadas intensificou as demandas em torno dos níveis elevados de educação para atuar no sistema econômico global, sem fronteiras e centrado na chamada era da informação (CANCLINI, 2005). Em cenários como esse o ensino superior ganha relevância como estratégia de inserção das pessoas no mundo do trabalho e para o desenvolvimento da cidadania, cabendo aos governos e aos organismos internacionais a formulação de diretrizes nacionais e políticas que vissem atender aos novos desafios decorrentes desse processo de mudanças. Entre a internacionalização das universidades os programas de mobilidade acadêmica são um dos pontos-chave desse processo, estimulando, e muitas vezes financiando, o deslocamento de estudantes, professores e técnicos administrativos para os mais diversos países do mundo.

A mobilidade estudantil compreende a experiência vivenciada pelo estudante de morar fora de seu país de origem por um determinado período, comumente sendo beneficiado por um acordo de cooperação entre universidades. O benefício concedido ao estudante intercambista está frequentemente relacionado à formação educacional do mesmo; à oportunidade de contato com outras culturas; e ao aperfeiçoamento de uma língua estrangeira, bem como e promoção da diversidade linguística e cultural. Segundo Dias Sobrinho (2004), a internacionalização das universidades brasileiras deve ser pensada a partir das atuais características da globalização econômica, considerando a fragmentação e a multiplicação dos conhecimentos, das informações e intercâmbios. Para o autor, a globalização não é uma continuação da internacionalização tradicional, mas trata-se de um fenômeno muito mais complexo e plurirreferencial, tensionado por forças hegemônicas e distintas concepções de educação e sociedade.

Quanto ao estudo aqui apresentado, informamos que o modelo teórico-metodológico adotado foi de natureza qualitativa. Assim, interessa ao estudo o conceito de Clifford Geertz (2008) de “descrição densa”, uma forma de análise onde se estuda o ponto de vista dos agentes envolvidos na ação que está sendo descrita, as significações e os padrões utilizados, pois, “a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas” (p. 09). Os procedimentos para o tratamento teórico foram o levantamento bibliográfico e também a análise documental. No que se refere ao estudo de campo, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas a estudantes intercambistas da Universidade Federal de Goiás (UFG), retornados.

Os estudantes foram localizados por meio de redes de contatos com amigos e colegas da universidade e foram contatados por meio das redes sociais. Foram entrevistados seis estudantes de graduação da UFG, do *campus* Goiânia, sendo três mulheres e três homens, com idades entre 20 e 23 anos. Esses estudantes realizaram mobilidade estudantil internacional nos últimos dois anos, mediados por programas da Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) da UFG, todos com concessão de auxílio financeiro e bolsa. Finalmente, é importante informar que os estudantes intercambistas retornados que foram entrevistados permaneceram no país de destino por um período de seis a 12 meses.

Mobilidade estudantil e interculturalidade

A internacionalização do ensino superior atualmente pode ser percebida e analisada a partir da consideração de suas múltiplas dimensões. Potencializada pela velocidade dos meios de comunicação, ampliação das políticas empreendidas nesse esforço e do cenário trans-fronteiriço dos países, amplificado pela globalização neoliberal, a educação superior no cenário atual vem tornando-se um campo que é atravessado por tensões e conflitos de interesses. Tradicionalmente as universidades sempre buscaram estimular a dimensão internacional, fosse por critérios de busca de uma ciência universal em seus espaços acadêmicos ou pela promoção da mobilidade de docentes e estudantes.

Segundo Aurélie Filippetti (2007, apud LIMA; MARANHÃO, 2009, p. 79), os países reconhecidos pelo poder de atração e acolhimento acadêmico de estudantes, além de capitalizar recursos financeiros diretos e indiretos, têm ainda como vantagens: a) contribuir para ampliar a rede mundial de influência cultural e política; b) selecionar os “melhores cérebros”; c) beneficiar-se de mão de obra especializada; d) promover transferência de tecnologia; e) criar um ambiente de aprendizagem multicultural; e f) enfrentar a imigração não controlada. Desta perspectiva, nem todas as regiões se inserem em um processo de internacionalização nas mesmas condições, considerando que a grande quantidade de estudantes estrangeiros no mundo está concentrada em poucas regiões, aquelas mais desenvolvidas, com universidades mais consolidadas e tecnologias de ponta.

Na UFG, o órgão responsável pelo desenvolvimento e a cooperação internacional é a CAI. De acordo com o Relatório de Autoavaliação da Universidade Federal de Goiás, de 2013, a UFG, por meio da CAI, tem promovido e consolidado interfaces com instituições internacionais a fim de estabelecer relações para execução das

atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em sua página oficial, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (2014) busca “[...] possibilitar condições à comunidade universitária de conviver e conhecer a diversidade cultural que propicia ao profissional uma formação cosmopolita consonante com o momento atual de evolução global”.

Ao refletir sobre a circulação dos estudantes em diferentes contextos culturais e suas trajetórias podemos questionar se cada experiência, como marcadores de uma história pessoal e localidades de destino distintas, encontra aspectos comuns para a análise sem o risco de desconsiderar suas particularidades. Néstor Canclini (2005) destaca características ambivalentes do panorama mundial contemporâneo: de um lado o processo de globalização, com tendências de integração reveladas em práticas mercadológicas e ideologias homogeneizantes, de outro, a conscientização da fragmentação do planeta em uma miríade de diversidades culturais. A globalização abarca o imaginário de que o transnacional se põe acima das diferenças, neutralizando-as. Para o autor latino-americano supracitado, uma forma pertinente de analisar a globalização é refletir sobre os casos em que ela “não dá certo”. Entre outras palavras, necessário se faz pensar também acerca daquilo que a globalização não pode solucionar, ou não possibilita estabelecer um diálogo pacífico e igualitário. Somos levados a refletir de maneira aprofundada e consistente sobre as diferenças e as desigualdades e como elas se relacionam nos cenários contemporâneos.

Neste viés, consideramos que é uma perspectiva multiculturalista que admite uma diversidade de culturas como aspecto comum, sublinhando as diferenças e com potencial para propor políticas relativistas de respeito. A partir desta óptica, as diferenças não seriam obviedades, mas sim construções históricas e culturais. De outro ângulo, a interculturalidade pressupõe muito mais que um conhecimento de que as sociedades são multiculturais e que existem múltiplas identidades, reivindica um projeto político. Arjun Appadurai (2008, apud ÁVILA; RIBEIRO, 2013, p. 02) adverte que “o ‘outro’ cultural talvez tenha se tornado mais aceitável, mas o ‘outro’ político nem sempre”. Ainda segundo esse autor, não basta apreciarmos a comida ou a festa do “outro”, é necessário dar-lhe voz e participação política. Apenas a percepção da pluralidade, o reconhecimento de sua existência e convívio, pode não estimular valores desejáveis de tolerância, compreensão e visibilidade das diferenças.

Em contrapartida, a interculturalidade remete a confrontação e ao entrelaçamento, aquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção social: multiculturalidade supõe a aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflitos e empréstimos recíprocos (CANCLINI, 2005, p. 17).

A interculturalidade vai além da justaposição de etnias, ou grupos, e estabelece um intenso e profícuo diálogo entre os diferentes. A diferença, portanto, não se encontra isolada e distante, mas constantemente favorecendo e potencializando influências, diálogos e negociações. As relações interculturais se articulam com a interação relacionada à desigualdade, conexão e desconexão, inclusão e exclusão (CANCLINI, 2005, p. 25).

Ao compreender os aspectos atrelados à diversidade e ao diálogo, o debate se estende quando pensado sob o ponto de vista da formação da cidadania e da emancipação por intermédio da educação. As bases para uma educação intercultural são fortemente orientadas pelas diferenças, respeitando as mais diversas especificidades socioculturais de cada indivíduo. Reinaldo Fleuri (2003, p. 23) aponta que a educação neste propósito passa a ser um processo da relação entre diferentes sujeitos e diferentes contextos culturais, levando a um ambiente formativo e de reciprocidade que se estende além da simples percepção do outro, mas que confira sentido a “campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social”.

Na educação intercultural a interação com as diferenças está presente em todos os instantes, de modo que as práticas educacionais não são direcionadas a uma expectativa de homogeneização dos indivíduos, mas sim de reconhecimento, valorização e respeito às alteridades. Quanto a esta concepção, o diálogo se constrói como relação entre sujeitos mediatizados pelo mundo, ou seja, os sujeitos só interagem criativamente mediante a ação, a *práxis*, quando assumem problemas ou conflitos que se tornam desafios comuns (FLEURI, 1996). Nisto consistiria essencialmente a ação educativa: “explicitar os conflitos humanos e sociais para desafiar as pessoas e grupos a interagirem na busca de sua superação” (p. 602).

A interculturalidade deve estar sempre em pauta nas discussões sobre educação, pois os processos globalizadores diminuem o isolamento das tradições locais e propiciam formas alternativas e contemporâneas de hibridação cultural. Néstor Canclini (2006, p. XIX) conceitua a hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, porém, não só integram e geram mestiçagens, mas também podem segregar e estimular reações que acentuem as diferenças. A mobilidade pode, portanto, assumir a concepção intercultural na medida em que estimula no sujeito que se desloca, em um novo espaço, um cotidiano diferente daquele de origem, refletindo em sua visão de mundo, assim como também para aqueles que o acolhem e convivem diretamente com esse indivíduo.

No âmbito da UFG as diretrizes vinculadas às experiências de mobilidade per-

passam por esses sentidos. Segundo o Plano de Gestão 2014-2017 da Universidade Federal de Goiás (2014, p. 2), “a internacionalização na UFG é concebida como um processo que articula a dimensão internacional, intercultural e global no ensino, pesquisa e extensão”. Percebe-se no relatório que a UFG engloba os três pilares da universidade tradicional, quais sejam: o ensino, a pesquisa e a extensão, colocando como eixo transversal a internacionalização.

Narrativas de uma experiência intercultural

Considerando a importância da experiência de mobilidade na vida dos estudantes, destacamos a esfera social, envolvendo a relação com as diferenças, família e amigos, seja anterior à mobilidade e à experiência no país de destino e suas sociabilidades; como também de retorno ao Brasil e a manutenção dessas redes; e também a esfera pessoal que trata sobre a identidade, percepção dos estudantes e reflexos da experiência em sua relação com o mundo.

Os estudantes foram identificados com codinomes relacionados a nomes muito comuns nos países de destino para onde realizaram a mobilidade. *María*, autodeclarada branca, 21 anos, estudante da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), realizou mobilidade para o México. *Emily*, autodeclarada branca, 22 anos, acadêmica da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EAEA), realizou mobilidade para os Estados Unidos da América. *Emma*, autodeclarada parda, 21 anos, aluna na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE), também realizou mobilidade para os Estados Unidos da América. *Afonso*, autodeclarado preto, 20 anos, acadêmico da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE), realizou mobilidade para Portugal. *Javier*, autodeclarado pardo, 22 anos, que estuda na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), realizou mobilidade para a Argentina. *Theo*, autodeclarado branco, 23 anos, da Faculdade de Letras (FL), realizou mobilidade para a Bélgica.

O primeiro passo para os estudantes ingressarem em um programa de mobilidade, mediados pela UFG, é se candidatarem aos editais que são publicados esporadicamente no decorrer do ano. Cada edital possui critérios específicos de seleção desses estudantes, todavia são coincidentes quanto à utilização da média global das notas obtidas na graduação e pontuação do Currículo Lattes do estudante para a colocação final. Portanto, um bom desempenho verificado por notas e a participação em eventos acadêmicos é essencial para a concorrência de uma vaga em algum desses programas.

O restante do pessoal todo mundo tinha interesse, eu tinha um grupo de amigos e todos nós sempre quisemos fazer intercâmbio, a gente sempre gostou de estudar outras línguas, só que eu saquei uma coisa que os outros não, [...] eu falei ‘esse intercâmbio aconteceu agora, eu vou descobrir se esse intercâmbio acontece todo ano’ e eu comecei a me preparar assim (EMMA, entrevistada em 28 mar. 2014).

Pierre Bourdieu (1996) sustenta que a mediação entre os benefícios advindos dos contatos familiares, ou de suas relações, e os investimentos em formação escolar resulta no sucesso escolar que, por sua vez, mostra-se vinculado à origem social. Uma análise dos excertos extraídos dos discursos apresentados nas entrevistas com os estudantes indica que a preparação para a mobilidade estudantil e a classificação desses estudantes guarda aspectos compreensivos próximos às ideias de Pierre Bourdieu (1996). Enquanto a própria universidade pública é caracterizada por um espaço nem sempre acessível, a seleção para a mobilidade exige do estudante um histórico de aperfeiçoamento em língua estrangeira, tempo disposto para a participação em eventos científicos, apresentação de trabalhos e outros de modo a criar uma cultura que o favoreça no momento da seleção.

Para a escolha dos países de interesse, a primeira relação que os estudantes fizeram foi com a afinidade com a língua estrangeira e depois afinidades culturais do que se conhecia sobre o país. Os editais abertos pela universidade geralmente são produtos de acordos bilaterais entre universidades ou convênios, assim os estudantes dentro de um mesmo edital nem sempre possuem a opção de escolha do país para a mobilidade, cabendo a eles escolher entre os programas que se apresentam em editais diferentes aqueles que mais coincidem com suas preferências e habilidades. O enunciado de Javier, apresentado abaixo, nos ajuda a melhor compreender o que está sendo afirmado.

Apareceu essa oportunidade da Argentina e eu já estava com a ideia de América Latina e tudo mais, [...] já estudava espanhol há um ano e meio, [...] e na verdade eu escolhi por causa da Cordilheira dos Andes, falei ‘não, não posso perder a oportunidade’, já tinha isso alinhado ali, mais por questões pessoais que acadêmicas (JAVIER, entrevistado em 20 de mar. 2014).

Ao refletir sobre o deslocamento desses estudantes é necessário apontar o debate sobre a especificidade dessa circulação de indivíduos e a representação social dos estudantes no país de destino. Importante destacar que não há um consenso sobre a compreensão da mobilidade como uma forma de migração. Se por um lado podemos considerar que há um rompimento do estudante intercambista com seu contexto sociocultural e familiar devido ao seu deslocamento internacional; por outro, este tipo de mobilidade indica um período previamente planejado, tendo como espaço

central a universidade que se encontra no país de destino. Denise Santos (2010, p. 76) em seu estudo sobre intercâmbios culturais e rituais de passagem, com referência a Turner, acredita que os intercambistas podem ser entendidos como neófitos durante o período de estadia, isto porque estes seriam pessoas liminares, que estariam no meio das posições atribuídas por lei, ambíguas, pois “não estão aqui, nem lá”.

Truzzi (2008, p. 200) aponta duas variáveis importantes para a análise migratória: a distância entre a origem e o destino; e o grau de ruptura de quem emigrou. Do ponto de vista de retorno pré-estabelecido com os estudantes ao local anterior à mobilidade, esse deslocamento é classificado dentro do fenômeno migratório como circular, ou seja, o indivíduo se desloca internacionalmente com intervalo de tempo definido, retornando ao final para o país de origem. Esta certeza de retorno complexificaria a classificação dos estudantes intercambistas como sujeitos migrantes, todavia não descaracteriza o fenômeno de deslocamento já que a migração acontece ainda que não seja alcançada a situação de constituição de identidades migrantes.

Ticiania Melo (2008) reconhece um esforço em distanciar a imagem frequentemente negativa e geradora de preconceitos – reflexo da migração –, de uma inovadora, moderna e fascinante, que representa o jovem estudante que parte em busca da construção de si mesmo e de uma experiência valorizada. A autora faz a opção pela abordagem de Murphy-Lejeune (2005, *apud* MELO, 2008), que em seus escritos sobre o estudante viajante na Europa constata que desde a década de 1980 surgem outros tipos de fluxos migratórios, com o trânsito do migrante qualificado, bem como dos estudantes em situação de mobilidade, caracterizados como “novos estrangeiros”. Isto porque estão situados entre a mobilidade passageira, própria dos turistas, e o deslocamento de longo prazo, típico dos migrantes.

Complementarmente, Leonardo Cavalcanti (2013, p. 7) faz uma minuciosa distinção entre as denominações “estrangeiro” e “imigrante”. O estrangeiro possui um marco jurídico que regulamenta sua estadia, enquanto é do ponto de vista social que prevalece a figura do “imigrante”. É associado ao estrangeiro um *status* social de prestígio, ao mesmo tempo em que “se reconhece como imigrante os que fizeram um deslocamento relativamente precário e que estão destinados a ocupar os espaços mais inferiores do sistema social no lugar da imigração”. O excerto abaixo aproxima as discussões deste teor, quando a estudante intercambista retornada que foi entrevistada afirma que:

As pessoas lá são preparadas pra receber estrangeiro, entendeu, então assim, quando você fala que é estrangeiro aí que eles te tratam melhor [...] então eles fazem muita questão de você, sabe, eu vi muita questão deles em te ajudar [...] e com brasileiro era mais ainda, por-

que eles acham a gente os tops, os tops do mundo, ‘nossa, você é brasileira, uau’ (MARÍA, entrevistada em 20 mar. 2014).

A nacionalidade compreendida como resguardando certa excentricidade interfere na forma de recepção dos estudantes nos países de destino. María, ao realçar o tratamento acolhedor aos estrangeiros por parte dos mexicanos, colabora para afirmar a interpretação de que os estrangeiros despertam a curiosidade dos nativos por sua diferença. Esta mesma entrevistada informa que a recepção calorosa que ela relata foi a mesma com relação aos outros colegas, também intercambistas, de outras nacionalidades da América Latina. Ela entende que a recepção “top” é uma consequência do fato de ser brasileira, sendo que sua nacionalidade fora apreendida como uma espécie de excentricidade.

Já Afonso relatou uma situação oposta em relação aos estudantes oriundos de outros países que se encontravam em Portugal no mesmo período que ele. Este estudante, em sua entrevista, narrou casos graves de constrangimento aos intercambistas e destacou também experiências por ele vivenciadas e que evidenciam hostilização. Em seus relatos denuncia que um dos docentes sempre fazia questão de corrigi-lo demasiadamente sobre o uso do português brasileiro, revelando uma intolerância linguística com todos os seus desdobramentos possíveis. Esse mesmo professor também fazia a ele cobranças indevidas, e usava de altíssimos padrões de rigores, que não eram comuns à toda turma: Os portugueses são pessoas muito fechadas e não são abertas aos brasileiros, durante o período que eu estive lá tivemos alguns conflitos, digo brasileiros e portugueses, inclusive com outros alunos da Universidade Federal de Goiás que não me deixam mentir, [...] na universidade além da falta de interação dos alunos portugueses com a gente, que forçava a gente intercambista em cada turma ter amigos intercambistas de outros países, afinal de contas os excluídos se incluem, né [...] porque eu acho que a oportunidade de você ir também não é você apenas aprender, é você levar também conhecimento, [...] eles lá riem mesmo quando alguém tem um sotaque diferente (AFONSO, entrevistado em 25 mar. 2014).

Afonso relata também que estava na universidade no período em que houve um caso de xenofobia e racismo direcionado a brasileiros e a negros, que ganhou difusão e proporções internacionais. Este estudante destacou situações de tensões que nos distanciam das discussões acerca do exercício de uma interculturalidade, esta que pressupõe um aprofundado e não inferiorizante diálogo com as diferenças. A experiência enunciada de Afonso revela o quão singulares são os processos de deslocamento que podem articular identidades, pertencimentos e marcadores socioculturais específicos. Beatriz Padilla (2012) salienta que não é possível falar em um imigrante

universal, as questões étnico-raciais, de gênero, de classe, de orientação sexual, dentre outras, não são indiferentes ao processo vivido, podendo ativar, coibir e controlar processos de discriminação e intolerância, modelando a experiência migratória.

Quando os estudantes se referem aos vínculos mais fortemente criados com outros estudantes também em situação de mobilidade, emerge a identificação em um novo grupo social, mesmo que temporário. Esses estudantes reconhecem-se na situação de estrangeiros ao mesmo tempo em que podem vir a exaltar suas diferentes nacionalidades.

Cada casa moram cinco pessoas, então na minha casa morava eu, brasileira, uma mexicana, uma chilena, uma argentina e uma peruana, por incrível que pareça tinha um monte de quarto, mas eu era a única que compartilhava, com a peruana, mas eu achei isso ótimo, porque eu aprendi muito mais, com a língua, a cultura do Peru, eu tinha um estereótipo das coisas e quando você vai ver é totalmente diferente [...] cria um laço de amizade, tanto que no meio mais ou menos, a gente chamava uns aos outros de família, [...] aqui seus amigos de verdade, sua família nunca vão te abandonar, nunca vão te deixar, eles vão te acolher até mais intenso, sabe, mas você fica com o coração naquela parte, gente, cadê o povo intercambista, cadê meus amigos estrangeiros (MARÍA, entrevistada em 20 mar. 2014).

Os entrevistados citam ainda que as interações socioculturais eram estreitadas em espaços de socialização, tais como bares, eventos da comunidade universitária e fora dela e, principalmente, em viagens que eram realizadas a locais turísticos próximos ou até mesmo em outro país. Neste ínterim, Theo e Afonso, por exemplo, narraram a facilidade de locomoção transnacional no continente europeu. Os momentos recreativos potencializavam nos estudantes a sensação de pertencimento e de reconhecimento dos outros, conduzindo a uma espécie de articulação de elementos de identidades.

O intercâmbio serve pra isso também, pra você viajar e viver, entendeu, tanto a parte acadêmica, claro, isso é importante, mas a experiência pessoal, ela transcende a questão acadêmica, [...] muitos estavam vivendo a mesma experiência que eu, de ser a primeira pessoa [da família] a entrar na universidade, da primeira vez de estar saindo do país, entendeu, com muitas inquietações, querendo compreender o mundo e em seu próprio país não encontrando a resposta, e encontrar pessoas que tinham o pensamento igual e compartilhando disso, sabe, nisso fiz um grupo de amigos (JAVIER, entrevistado em 20 mar. 2014).

É justamente na interação social que as identidades culturais são criadas, recriadas, afirmadas e reafirmadas. Moreira e Silva (2008) apontam que as identidades são caracterizadas por símbolos e por representações que, ao mesmo tempo em que as constroem como processos de identificação, fazem uma marcação das diferenças, atuando esta marcação como componente chave em qualquer sistema classificatório. Desta forma, classificam-se como iguais todos os que se aproximarem de uma deter-

minada concepção de identidade hegemônica e consideraram as alteridades radicais, e mais distantes, como marginais e/ou inferiorizadas.

Eu fiz uns amigos que vou levar pra vida, até mais do que da Bélgica, mas muito mais gente de outros países do que da Bélgica mesmo, e de países que eu nunca pensei que fosse conhecer alguém de lá, a minha melhor amiga era do Quirquistão, eu nem sabia onde ficava o Quirquistão (THEO, entrevistado em 3 abr. 2014).

Nesta direção, os estudantes apontam que o fato de serem intercambistas os ligavam com outros que se encontravam na mesma situação, mesmo quando havia uma boa relação com outros estudantes nativos, como no caso de María e de Theo. O reconhecimento temporário, marcado por expressões como “intercambistas”, “viajantes”, “cidadãos do mundo”, “estrangeiros”, aponta para a possibilidade de uma identidade específica, em um período específico de tempo. Stuart Hall (2002) destaca que é um equívoco pensar em uma identidade cultural única ou “pura” na atualidade. Com a pós-colonialidade, o sujeito que até então vivia com uma identidade homogênea e estável, se torna fragmentado e composto por várias identidades, até mesmo contraditórias entre si. Neste sentido, à medida que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam, os indivíduos são confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, podendo se identificar, ao menos temporariamente, com cada uma delas.

Emily, a única dos entrevistados que já havia realizado uma viagem ao exterior anterior à mobilidade, conta que hoje faz parte de uma organização internacional de jovens estudantes, ligados a intercâmbios culturais, meio por onde realizou, posteriormente, um intercâmbio para Argentina, além de acolher vários intercambistas de outros países em sua casa por períodos determinados. Portanto, a identificação de intercambista pode se estender até após a situação de mobilidade, acionada por novas experiências de contato internacional ou de manutenção das relações adquiridas durante a mobilidade. As múltiplas identidades estão a todo instante se cruzando e se reconstituindo, refletindo na visão de mundo e na emergência de novos sentidos.

Em diálogo com Claudemira Ito (2007), podemos supor que a decisão de imersão em um outro país, acionado a partir de um primeiro deslocamento, pode gerar idas e vindas frequentes. O movimento daí advindo faz com que a própria vida seja constantemente ressignificada em complexos processos de reinvenção das interações humanas sobre o planeta. Toda uma circularidade, que pode caracterizar um movimento migratório intenso e complexo, pode ser ativada em decorrência da necessidade de realizar um desejo de retorno, com um tom de mudança definitiva para outro país, em novos projetos migratórios.

Considerações Finais

O mundo de hoje, caracterizado pelo dinamismo do desenvolvimento científico e tecnológico, tende para uma economia baseada no conhecimento, aumentando cada vez mais a concentração desse recurso nos centros de poder hegemônicos. Este processo requer que as universidades brasileiras encontrem alternativas de inserção encaminhas à internacionalização da educação superior para a integração justa e solidária que favoreça o desenvolvimento econômico e social de cada região. Não é possível aproximar-se do tema sem demonstrar a vontade política de uma universidade plural, que atenda à sociedade e a um diálogo com as diferenças. A internacionalização deve estar no planejamento de toda universidade, não se restringindo a um setor específico dessa instituição. Todavia, a internacionalização deve ser apreendida e em seus âmbitos ampliados, como a pesquisa, o ensino, a extensão e a gestão, em uma perspectiva intercultural.

Os caminhos da experiência intercultural percorridos por cada um dos estudantes contribuíram principalmente para o exercício de sua autonomia, marcando a construção de aspectos próprios desses estudantes em uma fase de suas vidas em que são exigências fortemente enunciadas: capacidade de escolha, autonomia e responsabilidade. Chama à atenção a especificidade de que os jovens estudantes desfrutem da experiência de intercâmbio em uma faixa etária em que a maioria deles vive uma situação de transitoriedade entre a autonomia e a dependência, entre a juventude e a idade adulta, com uma visão ainda de descobertas da fase estudantil, isso tudo conciliado com as inquietações sobre o futuro profissional.

A mobilidade estudantil internacional pode contribuir para uma educação intercultural, uma vez que os envolvidos experimentam mudanças intensas durante ou depois da experiência de mobilidade. O que pôde ser notado gravita em torno da adoção de novos valores e atitudes que conduzem a um amadurecimento pessoal, em uma relação de diálogo com a diversidade cultural. A interação com o “outro”, a alteridade vivenciada, amplifica sua voz e estimula um empoderamento individual, que também é coletivo e coletivizado, diante das diferenças. A educação intercultural compreende valores e atitudes e a mobilidade estudantil na UFG tem provocado nos estudantes intercambistas um autoconhecimento, uma elevação da autoestima, um senso de igualdade e um despertar de visões mais críticas e ampliadas a respeito da própria nacionalidade e do próprio pertencimento.

As situações de retorno à universidade de origem e ao Brasil; as relações, que são constantemente reinventadas, com os pais e familiares; as atividades solidárias

que foram desenvolvidas no país de destino; as sociabilidades que foram despertadas nos países de destino e as novas sociabilidades quando no momento de retorno; a preocupação em descrever as cidades e seus aspectos urbanos quando eram estrangeiros; dentre tantos e tantos outros pontos instigantes, demonstram que a situação de mobilidade acadêmica transita entre múltiplas questões e possibilidades analíticas e reflexivas, indicando que a temática apresenta fôlego para muitos, e necessários, outros estudos.

Referências

- ÁVILA, Cristiana Bartz de; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. Cultura, multiculturalismo e interculturalidade: as «Tias Minas» da cidade de Pelotas-RS e seu legado cultural. **II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**. Belo Horizonte, outubro de 2013. Disponível em: <www.2coninter.com.br/artigos/pdf/50.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- _____. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CAVALCANTI, Leonardo. “Imigrantes”, “imigrados”, “estrangeiros” e a fabricação do outro imaginário: a presença brasileira no contexto da imigração na Espanha. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7018217/Imigrantes-Emigrados-EstrangeirosA-Formacao-Da-Imagem-Do-Outro>>. Acesso em: 14 de outubro de 2013.
- COORDENADORIA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS. **Atividades**. 2014. Disponível em: <<http://www.cai.ufg.br/pages/17280-atividades>>. Acesso em: 08 de junho de 2014.
- DIAS SOBRINHO, José. Educação superior sem fronteiras cenários da globalização: bem público, bem público global, comércio transnacional? **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 09, n. 02, p. 9-29, Jun. 2004. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772004000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 de dezembro de 2013.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, agosto de 2003.
- _____. Diálogo e Práxis In: **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, IPF, UNESCO, p. 604-605, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª. ed., 13ª. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ITO, Claudemira Azevedo. Reflexões sobre as migrações internacionais. **V Encontro Nacional Sobre Migrações**. Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_ref_mig_int.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2013.
- LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina M. do S. de A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Revista Avaliação**, v. 14, n. 3, 583-610, 2009.

MELO, Ticiania Telles. **Mobilidade estudantil internacional de partida na UFC: experiências e formação no Programa Duplo Diploma**. 2008. 277f. Teses (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Currículo, Cultura e Sociedade**. 10ª. ed., São Paulo: Cortez. 2008.

PADILLA, Beatriz. Novas configurações das migrações brasileiras na Europa: uma reflexão e proposta de agenda. In: **Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa**: Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa. Outubro de 2012. Disponível em: <<http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>>. Acesso em: 1º de março de 2013.

SANTOS, Denise Silva dos. “**Jovens e rituais de passagem**”: um estudo etnográfico de experiências de intercâmbios culturais de estudantes estrangeiros no Rio Grande do Sul. 2010. 182f. Dissertação (Mestre em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre/RS, 2010.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo social**. São Paulo, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Plano de Gestão UFG 2014-2017 Internacionalização. 2014**. Disponível em: <http://cai.ufg.br/uploads/92/original/Plano_de_Gest%C3%A3o_Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o_2014-2017_Modo_de_Compatibilidade_.pdf> Acesso em: 09 de junho de 2014.